

## J. B. DE LA SALLE: UM PERCURSO DIVINO PARA A EDUCAÇÃO POPULAR\*

## J. B. DE LA SALLE: A DIVINE ROUTE FOR POPULAR EDUCATION

Alessandra Texeira Terto\*\*  
Marcus Vinicius da Cunha\*\*\*

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar o “Guia das escolas cristãs” de autoria de J. B. de La Salle, clérigo católico que foi um pioneiro no campo da educação popular. A obra foi escrita no século XVIII com o propósito de estabelecer normas para a rotina escolar e a gestão das instituições de ensino criadas e dirigidas pelo autor. A primeira seção do artigo discorre sobre o ambiente em que atuou La Salle, focalizando as situações problemáticas por ele enfrentadas e as respostas que ofereceu para solucioná-las. As duas seções seguintes apresentam as passagens mais importantes do “Guia das escolas cristãs”, texto pouco conhecido fora do círculo dos educadores lassalianos e raramente examinado em detalhe pela literatura que o menciona. A seção final faz a caracterização a obra de La Salle segundo as metáforas *percurso determinado e determinável e percurso indeterminado*, com o intuito de situar o autor no âmbito da história da educação e discutir as suas propostas ante as tendências pedagógicas da atualidade.

**Palavras-chave:** Educação popular; J. B. de La Salle; Educação contemporânea.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the “Guide to Christian Schools” by J. B. de La Salle, a Catholic cleric who was a pioneer in the field of popular education. The work was written in the 18th century with the purpose of establishing norms for the school routine and the management of educational institutions created and directed by the author. The first section of the article discusses the environment in which La Salle worked, focusing on the problematic situations he faced and the answers he offered to solve them. The next two sections present the most important passages from the “Guide to Christian Schools”, a text little known outside the circle of Lasallian educators and rarely

---

\* Artigo derivado de pesquisa subvencionada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

\*\* Mestranda em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP).

\*\*\* Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP). Contato: marcusvc@ffclrp.usp.br

examined in detail in the literature that mentions it. The final section characterizes the work of La Salle according to the metaphors *determined and determinable route* and *indeterminate route*, with the aim of placing the author within the scope of the history of education and discussing his proposals in the face of current pedagogical trends.

**Keywords:** Popular education; J. B. de La Salle; Contemporary education.

## INTRODUÇÃO

Todo processo educacional tem por pressuposto a necessidade de realizar os objetivos a que se destina; seja no âmbito de uma comunidade primitiva ou de uma sociedade tecnológica, sempre se busca levar o educando a percorrer uma trajetória que vai de um ponto inicial, caracterizado como de menor saber, a um ponto final que se qualifica como de maior saber. A essas afirmações óbvias, vale acrescentar que o referido percurso pode ser organizado de duas maneiras, basicamente: planejando em minúcia e com antecipação os passos a serem dados pelo mestre e pelo aprendiz ou permitindo que ambos construam progressivamente o próprio caminho.

Mazzotti (2002; 2008) associa essas duas modalidades às metáforas *percurso determinado e determinável* e *percurso indeterminado*, respectivamente. A primeira remete à imagem de um caminhar que se desenvolve mediante a especificação exata do trajeto e a convicção de não se afastar do caminho em momento algum; todos os fatores adversos devem ser eliminados para que se cumpra o objetivo estabelecido no menor tempo e com a maior exatidão possível. A segunda concerne a um caminhar sem definição prévia do trajeto, permitindo que ocorrências eventuais sejam acolhidas com naturalidade; ainda que o ponto de chegada seja um objetivo, o que conta é o prazer da caminhada.

Nos primórdios da modernidade, a educação passou a ser vista como incumbência de uma instituição formal, a escola, espaço que foi sendo paulatinamente organizado para assumir as responsabilidades até então exercidas com prioridade pelas famílias (ARIÉS, 1986). Foi um passo decisivo

no movimento em prol da ampliação do acesso aos saberes letrados por meio da inclusão de crianças e jovens das camadas populares. Pioneiro na criação de um formato universalista para o processo educativo escolar moderno, Comênio (1985), em meados do século XVII, pleiteou que a escola deveria ensinar tudo a todas as pessoas, com total eficiência e eficácia. Elaborada em oposição aos métodos escolásticos, a pedagogia comeniana expressa um percurso que se planeja previamente com o intuito de determinar com exatidão todo o processo e, assim, garantir a realização das finalidades educacionais almejadas (MAZZOTTI, 2002; 2008).

Pastor protestante, Comênio serviu de inspiração para concepções pedagógicas subsequentes, igualmente defensoras da popularização da escola, que elegeram o currículo e os materiais didáticos como eixos do trabalho docente, sob a égide das noções de controle, previsibilidade e mensuração da aprendizagem. Anos mais tarde, um clérigo católico seguiu orientação semelhante: João Batista de La Salle, nascido na França em 1651, quando a obra comeniana já tinha vindo a público, escreveu o “Guia das escolas cristãs” (LA SALLE, 2012a), um manual de instruções para o bom funcionamento das instituições de ensino por ele criadas e dirigidas.

Menções a La Salle são frequentes na literatura pedagógica, particularmente em estudos que examinam as inovações metodológicas da modernidade e as relações entre cultura e educação. Manacorda (2010), Luzuriaga (1963), Cambi (1999) e Aranha (2006), por exemplo, assinalam a relevância das iniciativas lassalianas para o desenvolvimento da instrução popular com ênfase na profissionalização, em vez de ações meramente filantrópicas. Outros, como Nunes (1981) e Hengemüle (2000; 2007), destacam o valor de seus feitos para o crescimento da religiosidade cristã por meio da educação do povo pobre. Outros, ainda, como Foucault (1987) e Revel (2009), discutem o caráter disciplinador e o propósito de adestramento que se revelam em sua pedagogia.

O presente artigo visa contribuir com esse campo de pesquisa por intermédio da análise do “Guia” de La Salle (2012a), integrante das obras completas do autor (LA SALLE, 2012b), cujos volumes – em número de seis, na

edição brasileira – trazem escritos de variada natureza, em especial reflexões de caráter religioso. Tal escolha se justifica pelo fato de o referido texto ser o mais abrangente exemplar da produção educacional lassaliana, voltado ao estabelecimento de diretrizes para o bom funcionamento das escolas em atendimento às camadas populares.

A primeira seção deste artigo apresentará o ambiente complexo em que atuou La Salle, focalizando as situações problemáticas por ele enfrentadas e as respostas que ofereceu para solucioná-las – a fundação de escolas aptas a educar em sintonia com uma doutrina religiosa e a elaboração de regras para seu funcionamento. As duas seções seguintes irão se ocupar especificamente do “Guia das escolas cristãs” (LA SALLE, 2012a), selecionando suas passagens mais representativas com o propósito de explicitar o teor das respostas oferecida pelo autor aos problemas de seu tempo. A exposição do texto será minuciosa por se tratar de material pouco conhecido fora do círculo dos educadores lassalianos e raramente examinado em detalhe pela literatura que o menciona. A seção final fará a caracterização de La Salle segundo as metáforas acima descritas, de modo a situar o autor no âmbito da história da educação e discutir as suas proposições ante as tendências pedagógicas da atualidade.

## **OS PROBLEMAS E AS RESPOSTAS DE LA SALLE**

J. B. de La Salle (1651-1719) pertencia a uma família abastada que lhe possibilitou estudar em um renomado colégio e cursar Filosofia e Teologia na Universidade de Reims, sua cidade natal, complementando sua formação na Universidade de Sorbonne. Desde muito jovem, manifestou interesse pela vida eclesiástica, tornando-se cônego da Catedral de Reims aos dezesseis anos de idade (VALLADOLID, 2016; HENGEMÜLE, 2000; HENGEMÜLE, 2007; POUTET; PUNGIER, 2001; KIRCH, 2018; BOSCO, 2007).

Sua biografia deve ser situada no contexto geral do continente europeu no século XVII, convulsionado por transformações em vários setores da vida social. Tanto La Salle quanto os demais pensadores daquela época – Descartes, Pascal, Newton, Locke, Comênio e outros – produziram suas ideias no interior

de um cenário conturbado por desavenças entre os reinos, forte desigualdade social e sangrentas disputas religiosas. Na França, Luís XIV impressionava o mundo com “o esplendor da civilização e a restauração da Igreja” (NUNES, 1981, p. 3). A maioria da população, no entanto, ocupava a camada mais baixa da sociedade, composta por artesãos, assalariados, camponeses, pequenos comerciantes, mercadores e mendigos que pediam esmolas pelas ruas (VALLADOLID, 2012).

No campo da educação, o cenário era igualmente complexo. As escolas eram raras e geralmente frequentadas somente pelos mais abastados, sem que houvesse instituições voltadas aos pobres (KIRCH, 2018). Em reação a esse quadro, surgiram dois movimentos significativos e concomitantes: o despontar da preocupação didática e científica e a manifestação do interesse pela educação popular, tanto por católicos quanto por protestantes (NUNES, 1981). De caráter eminentemente político, o assunto possuía também uma dimensão técnica, requerendo respostas não somente no plano teórico, mas também no âmbito prático: faziam-se necessárias novas abordagens pedagógicas, o que motivou Comênio (1985) a elaborar sua *Didática magna*.

Em 1680, La Salle ofereceu uma resposta ao cenário caótico da educação de seu tempo ao criar em sua terra natal o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, com acesso gratuito e universal, visando atender às classes pobres, para que tivessem oportunidades semelhantes às dos jovens das classes altas. Nas orientações pedagógicas da escola constava que “a educação cristã não é simples instrução: é aprendizado para a vida” (POUTET; PUNGIER, 2001, p.127). Por isso, foi adotada uma diretriz fundamental: “sentido cristão da vida, disciplina no aprendizado e eficácia no estudo” (VALLADOLID, 2012, p. LIX).

Essa iniciativa foi precedida por alguns eventos que levaram La Salle ao encontro da educação das classes populares. Em 1670, Nicolas Roland, que era seu parente e diretor espiritual, tentava encontrar duas irmãs para atuarem no orfanato de meninas pobres e abandonadas que estava sendo fundado em Reims.<sup>1</sup> Devido às dificuldades burocráticas que encontrou para cumprir esse

---

<sup>1</sup> Os termos “irmão” e “irmã” são formas de tratamento adotadas por fraternidades religiosas para designar quem ainda não recebeu as ordens sacras (AULETE, 2011, p. 815).

propósito, convidou La Salle para ocupar o cargo. Ao falecer, poucos dias depois, deixou-lhe em testamento a responsabilidade de legalizar a comunidade das Irmãs do Menino Jesus, tarefa que o absorveu entre os anos 1678 e 1682 (HENGEMÜLE, 2007; POUTET; PUNGIER, 2001; VALLADOLID, 2012).<sup>2</sup>

Quando ainda atuava no orfanato de Reims, La Salle manteve contato com Adriano Nyel, que pretendia fundar escolas para atender meninos pobres, e passou a assessorar um pequeno grupo de professores dedicados a essa clientela. Inicialmente, auxiliou na regulamentação dos documentos da primeira escola fundada para esse fim, situada em um bairro pobre da Paróquia de São Maurício, mas logo ele os demais colaboradores sentiram a necessidade de ampliar o empreendimento. No espaço de seis meses, fundaram cinco escolas, mas um novo problema se apresentou: não havia professores suficientes para atender tamanha expansão (BOSCO, 2007; VALLADOLID, 2012; HENGEMÜLE, 2000; HENGEMÜLE, 2007; POUTET; PUNGIER, 2001; KIRCH, 2018; NUNES, 1981).

A dificuldade para encontrar professores – e, mais ainda, professores sintonizados com os princípios cristãos – levou La Salle a se preocupar com a formação de novos mestres. Logo percebeu que os aspirantes ao magistério não viam os meninos como pessoas em formação, não concebiam a criança como “um filho de Deus que necessita de amor e respeito” (BOSCO, 2007, p. 23). La Salle passou a organizar, então, um rol de orientações para a prática pedagógica, o que mais tarde deu origem ao “Guia das escolas cristãs” (LA SALLE, 2012a), resposta definitiva aos obstáculos que se interpunham à sua missão educativa.

Embora fosse pouco afeito à instrução popular, Luís XIV favoreceu indiretamente as escolas lassalianas ao assinar, em 1685, o Editó de Fontainebleau, impedindo os protestantes de manterem suas próprias instituições de ensino. Como afirmam Poutet e Pungier (2001, p. 60), a França vivia naquela época um “período amargo”, mas o decreto real favoreceu a restauração do catolicismo naquele país. Em 1686, Reims sediou a primeira

---

<sup>2</sup> Foi no século XVII que meninas começaram a frequentar escolas na França, mas somente para aprenderem o catecismo e ensiná-lo a seus filhos (KIRCH, 2018).

Assembleia Geral lassalista, ocasião em que a irmandade foi regulamentada e seus membros fizeram votos de obediência por três anos (VALLADOLID, 2012; KIRCH, 2018).

Kirch (2018) relata que a eficácia dos métodos de La Salle repercutiu em toda a França, o que motivou muitos párocos a enviarem jovens para obterem formação com os Irmãos lassalistas. Os aprendizes permaneciam cerca de dois anos na escola; alguns regressavam às suas regiões de origem, mas outros optavam por integrar a Congregação. Surgiu, assim, a primeira Escola Normal para formação de mestres na Europa, dando início à superação da dificuldade em obter novos professores.

Em 1688, La Salle e os Irmãos assumiram a direção de uma escola na capital, seu primeiro empreendimento fora de Reims. Enfrentando a falta de organização daquela “escola de caridade”, dedicaram-se a organizar os horários, as normas e a disciplina, promovendo uma transformação total que produziu “a sintonia da aprendizagem e da educação” (JUSTO, 2003, p. 61). Ofereceram também um espaço para o ofício de manufatura com lã e conseguiram fazer com que os alunos dividissem equilibradamente a sua dedicação ao trabalho e aos estudos, o que não era frequente até então.

A partir de 1686, a França envolve-se em conflitos que levaram o país à beira da fatalidade (BOSCO, 2007). Em 1688, os protestantes foram duramente perseguidos; com o início da Revolução Gloriosa, que originou a monarquia constitucional inglesa, o rei Jaime II exilou-se na França (NUNES, 1981).<sup>3</sup> A comunidade lassaliana sentiu o reflexo desse período de guerras, desmandos absolutistas, conflitos religiosos, proliferação de doenças e outras circunstâncias desastrosas. Em 1690 e 1691, houve várias desistências e falecimentos de Irmãos do Instituto; o próprio João Batista adoeceu gravemente nessa época (VALLADOLID, 2012; KIRCH, 2018).

Após a morte do Irmão que iria sucedê-lo, La Salle concluiu que o Instituto deveria ser livre das autoridades eclesiásticas, que impunham a fiscalização das

---

<sup>3</sup> Jaime II governou a Inglaterra e a Irlanda; como Jaime VII governou também a Escócia. Enfrentou a Igreja Anglicana e foi deposto pela Revolução Gloriosa (NOTAS HISTÓRICAS, 2018).

escolas por um membro superior da hierarquia, e decidiu que todos os participantes do empreendimento escolar seriam leigos, assumindo exclusivamente o compromisso com o ensino. Além de doenças e mortes, o Instituto foi atingido por acusações de insubordinação e passou a sofrer também a oposição de setores da Igreja (VALLADOLID, 2012; KIRCH, 2018; BOSCO, 2007). A partir de 1692, La Salle começou a se comunicar com os Irmãos por meio de cartas, ocasião em que deu início também à tentativa de estruturar administrativamente a escola (VALLADOLID, 2012; LA SALLE, 2012a).

Nas primeiras décadas do século XVIII, o mundo europeu parecia se desfazer em meio a incertezas de toda espécie. A Guerra de Sucessão da Espanha, lembrada como “tempo das bruxas”, durou 14 anos; a peste e o cólera assolaram a Alemanha, a Suíça, os Países Baixos, a Áustria, a Itália e a França (BOSCO, 2007, p. 35). Enquanto isso, a Congregação Lassalista continuava oferecendo respostas práticas, florescendo por meio de inovadoras ações educacionais, como a Escola Dominical, com cerca de 200 jovens entre 15 e 20 anos que estudavam no horário vespertino aos domingos e aprendiam ou se aperfeiçoavam em diversos ofícios e na vida cristã (BOSCO, 2007; KIRCH, 2018; VALLADOLID, 2012).

A resposta prática oferecida por La Salle aos problemas de sua época foi clara e incisiva, como avalia Hengemüle (2000, p. 46): “as escolas eram armas para um combate religioso-político”. O fato de a educação ser assumida como atribuição da Igreja foi decisivo na determinação do objetivo dos lassalistas, bem como na criação dos conteúdos do ensino e no controle das escolas por eles dirigidas. Sua meta era levar as crianças cristãs a viver segundo a fé e, além disso, cristianizar aquelas que ainda não houvessem aderido aos princípios cristãos. Em se tratando de crianças pobres, esse objetivo adquiria sensível conotação política, em contraposição às ideias da época.

Nas palavras de Nicodem (2020, n.p.), La Salle foi

(...) um homem de seu tempo que passa por crises desestabilizadoras e que necessita tomar decisões, aberto às realidades desafiadoras da França. Alguém que não nega suas dificuldades e incertezas, mas que sabe escutar e dialogar para



sair das piores situações, configurando uma comunidade para levar adiante um novo projeto educacional.

La Salle seguia a doutrina tradicional da Igreja, que enfrentava dificuldades com várias correntes dogmáticas, como o Jansenismo, que proliferou entre 1640 e 1800; o Galicanismo, entre 1682 e 1789; e o Quietismo, atuante durante todo o século XVII (VALLADOLID, 2012). Em 1687, o Papa Inocêncio XI assinou a bula *Coelis Pastor*, censurando os Quietistas por inspirarem “a atitude da completa passividade, deixar tudo por conta de Deus” (MCBRIEN, 2000, p. 317). Clemente XI, o último Papa que La Salle conheceu, produziu em 1713 a *Unigenitus Dei Filius*, bula que condenava o Jansenismo, movimento moralmente rígido que enfatizava a ação da graça divina e excluía a prática do livre-arbítrio (MCBRIEN, 2000).

Esse último documento ocasionou o surgimento de um grupo de resistência, os Apelantes, ao qual La Salle não aderiu por ser fiel à Catedral de São Pedro (NOTAS HISTÓRICAS, 2018). Valladolid (2012) informa que a terceira edição de sua obra *Deveres dos cristãos*, no entanto, não foi impressa, o que sugere a hipótese de ter sido censurada por fazer menção ao referido grupo. La Salle vivenciou problemas de toda espécie – processos judiciais, traição de companheiros, roubo e vandalismo em suas escolas (KIRCH, 2018; VALLADOLID, 2012; BOSCO, 2007). Valladolid (2012, p. XLIV) afirma que ele pensou “em abandonar tudo o que havia empreendido e passar a levar vida retirada, dedicando-se à oração e à penitência”, mas persistiu no propósito de se dedicar à escola e servir aos pobres.

Em quarenta anos de atuação, La Salle empenhou-se na fundação de escolas, na criação de métodos de ensino inovadores e na orientação de professores. Bittar (2009) informa que seu legado inclui quatro Escolas Normais, três escolas práticas, dezenas de escolas primárias e uma de aperfeiçoamento. Nunes (1981) afirma que, em 1790, havia 920 Irmãos e mais de uma centena de escolas lassalistas que atendiam 35.713 alunos. Suas instituições de ensino foram introduzidas em vários países da Europa e das Américas nos séculos seguintes, figurando entre as mais difundidas, ao lado das escolas jesuíticas.

O ano de 1694 foi decisivo na vida de La Salle e dos doze primeiros Irmãos Lassalistas, pois todos emitiram votos perpétuos de obediência para se manterem unidos e sustentarem as escolas gratuitas. Acredita-se que foi nessa época que teve início a concretização de um antigo desejo de La Salle, a organização de um conjunto de orientações para a prática pedagógica. Naquele ano, começaram a ser feitos os registros que resultaram no “Guia das escolas cristãs” (POUTET; PUNGIER, 2001; VALLADOLID, 2012).

Valladolid (2012) informa que a versão manuscrita do manual circulou entre os Irmãos lassalistas até adquirir seu formato impresso, mais tarde registrado como o terceiro volume das obras completas de La Salle, cuja primeira edição ocorreu na França em 1720, ano seguinte à morte do autor.<sup>4</sup> Além de um prefácio, o texto é organizado em três partes, cada qual contendo capítulos que são, muitas vezes, divididos em artigos e seções. A primeira parte, com onze capítulos, trata da rotina escolar, desde a entrada até a saída dos estudantes; a segunda contém nove capítulos relativos a normas voltadas ao estabelecimento da ordem nas escolas; a terceira traz cinco capítulos subdivididos em quatro temas, versando sobre as atribuições dos responsáveis pela instituição de ensino, em que se incluem o relacionamento com as famílias dos alunos e o comprometimento com a formação de novos mestres.

## **COMO E POR QUE MANTER A ORDEM NAS ESCOLAS**

No prefácio do “Guia das escolas cristãs”, La Salle (2012a) explica que a obra foi elaborada após muitos anos em contato direto com o ensino, resultando de conhecimentos adquiridos e praticados por ele mesmo e pelos Irmãos mais experientes na atuação em sala de aula:

Este Guia só foi redigido em forma de regulamento após numerosas trocas de ideias entre os Irmãos mais antigos [...]. Nada foi nele introduzido que não fosse muito consensual e bem

---

<sup>4</sup> Um prefácio datado de 1706 registra a autorização para editar o manuscrito do “Guia”, elaborado no ano anterior, pois, na França, a publicação de livros dependia da autorização dos doutores de Sorbonne; nos Estados Pontifícios, dependia da Congregação do Santo Ofício (VALLADOLID, 2012).

comprovado, de que não tivessem ponderado as vantagens e inconvenientes, e previsto, tanto quanto possível, as boas ou más consequências (LA SALLE, 2012a, p. 19).

Em seguida, o autor discorre sobre a relação do texto com os seus destinatários, os educadores que atuavam nas escolas por ele dirigidas:

Este Guia não foi elaborado como Regra – por haver nele várias práticas apenas em vista de se alcançar o melhor possível e que, talvez, não possam ser facilmente observadas pelos pouco aptos em dar aula, e por serem várias delas acompanhadas e apoiadas por razões para as fazer compreender e dar a conhecer o modo de utilizá-las [...] (LA SALLE, 2012a, p. 19).

Apesar de rejeitar o caráter impositivo do manual, La Salle (2012a, p. 19) considera que certas características comuns aos seres humanos exigem orientações estritas e rigorosas, de modo a assegurar a uniformidade de procedimentos: “O homem é tão inclinado ao relaxamento, inclusive à mudança, que necessita regras escritas para retê-lo nos limites de seu dever e para impedir que introduza alguma novidade ou destrua o que foi sabiamente estabelecido”.

O “Guia”, portanto, visa solidificar condutas que reflitam certos valores educacionais, levando todos a agir segundo os preceitos nele descritos. Os Irmãos Lassalianos serão conduzidos pelo caminho seguro da padronização das formas de administrar as escolas, organizar o ensino, ministrar as aulas e atender aos alunos. Todos deverão se esforçar, “com grandíssimo esmero, por se tornarem fiéis na observância de todas essas práticas, persuadidos de que só haverá ordem em suas classes e escolas na medida em que se for exato em não descuidar nenhuma delas”. A eficácia do ensino será alcançada quando todos tiverem amplo domínio dos conteúdos do manual e seguirem “exatamente todas as práticas prescritas, até as mínimas” (LA SALLE, 2012a, p. 19).

A subserviência ao que se encontra estabelecido no texto tem uma razão de ser, como enuncia La Salle (2012a, p. 19): “Acolherão este Guia como dado por Deus, através da mediação dos Superiores e dos primeiros Irmãos do Instituto”. O caminho é um só e não suporta qualquer tipo de desvio, devendo ser seguido com total fidelidade, porque as normas expressas no manual têm

origem divina. Os ordenamentos registrados no texto não podem ser questionados, como não se questionam quaisquer ordens vindas dos céus. Isto significa que o próprio Deus teria ditado um caminho único e seguro, pautado na necessidade de disciplinar as condutas, para que as ações dentro da escola sejam conduzidas na direção do bem.

A educação não alcança seus objetivos quando o caminho é percorrido como se fosse um passeio, quando os caminhantes fazem o percurso segundo a sua própria vontade. O conteúdo do manual segue fielmente esse princípio registrado no prefácio, estabelecendo em sua primeira parte as normas relativas à rotina escolar, a começar pela chegada dos estudantes:

Os mestres terão muito cuidado para todos os alunos estarem presentes na aula, e para que nenhum sequer chegue atrasado, a não ser por motivo sério e por necessidade. Serão muito exatos em fazer observar este ponto, e o Inspetor das escolas vigiará sobre isso, alertando mesmo os pais, na inscrição dos alunos, da obrigação de estes comparecerem à escola todos os dias, na hora marcada, e que são admitidos somente com esta condição. (LA SALLE, 2012a, p. 23-24)

Quando se ministram as lições para o ensino da leitura, todos os alunos devem enunciar ao mesmo tempo e em voz alta a atividade indicada pelo mestre. Sendo a classe multisseriada, a localização do estudante no interior da sala mostra a etapa de aprendizado em que ele se encontra, e o processo de ensino deve respeitar as possibilidades e as necessidades individuais.

Cada ordem de lição terá seu lugar determinado na sala, de maneira tal, que os alunos de uma ordem de lição não fiquem mesclados e confundidos com os de outra ordem da mesma lição, como, por exemplo, os iniciantes com os médios. Deverão ser facilmente distinguidos uns dos outros pelo lugar que ocupam (LA SALLE, 2012a, p. 37).

A conduta dos mestres é bem regrada, para que nenhum movimento se faça na sala de aula sem o seu conhecimento:

Para cumprir bem o seu dever, o mestre deve estar formado para poder fazer simultaneamente estas três coisas: 1º vigiar sobre

todos os alunos, para levá-los a cumprirem bem o dever e para mantê-los em ordem e silêncio; 2º ter nas mãos, no decorrer de cada lição, o livro que se esteja lendo no momento e cuidar de acompanhar o leitor; 3º prestar atenção ao leitor e à maneira como lê, a fim de corrigi-lo ao cometer algum erro (LA SALLE, 2012a, p. 38).

A avaliação da aprendizagem segue o mesmo padrão. Os mestres devem exprimir um juízo claro sobre o potencial de cada estudante para as lições seguintes. Ordena-se que sejam prudentes, não devendo apresentar ao Inspetor “nenhum aluno que não esteja bem capacitado”, pois, se a indicação de promoção não for confirmada, os alunos poderão ficar desanimados. No decorrer das aulas, o controle é feito por meio do registro em catálogos, marcando-se com alfinete os educandos “reconhecidos como incapazes de serem promovidos de lição”. La Salle (2012a, p. 40) diz: “Para que nenhum mestre se engane [...], cada um deles examinará, no final de todo mês, [...] todos os alunos de todas as lições e de todas as ordens de lição”.

As lições seguem um alinhamento comum, indo das mais simples para as mais complexas, e os materiais didáticos produzidos por La Salle e os Irmãos revelam rigoroso cuidado com as diferenças entre os grupos de alunos quanto à idade, habilidades e conhecimentos prévios, sempre norteados pelos objetivos do programa de estudos. Há cartazes sobre o alfabeto francês, sílabas, regras gramaticais, conceitos matemáticos, e livros de estudo em francês e latim relativos à alfabetização e ao domínio da leitura. Os registros individuais são feitos em folhas avulsas que, agrupadas, formam um caderno escolar. As salas de aula dos alunos escreventes têm painéis pintados em tinta óleo.

A articulação entre os grupos de alunos durante as aulas é prescrita com a mesma exatidão: o grupo do primeiro cartaz mantém contato com as próximas lições, enquanto o grupo do segundo cartaz revisa as lições anteriores; na oralização, o mestre identifica aqueles que têm dificuldades e se, após a devida orientação, a dificuldade persistir, convida um aluno de outra lição para auxiliar. La Salle (2012a, p. 46) orienta que é “sumamente importante não fazer um aluno interromper o estudo do alfabeto antes que o saiba perfeitamente, pois sem isso

jamais saberá ler bem, e os mestres que estarão encarregados dele depois terão muita dificuldade com ele.”

Os concluintes da leitura dos cartazes de alfabetização avançam para o manual escolar individual, etapa em que ocorre uma divisão em três ordens: os principiantes, que iniciam a aprendizagem na nova etapa de aprendizagem; os médios, que exibem poucas falhas; e os avançados, que leem corretamente. Os mestres são orientados a garantir que todos participem das lições, ao mesmo tempo e com inteira dedicação, ora aprendendo novos conceitos, ora os revisando, devendo ser corrigidos nas leituras, nos registros, nos cálculos e nas demais atividades.

Na condição de modelo que espelha a vontade divina, os mestres se obrigam a ministrar as aulas em consonância com um traçado linear, acompanhando cada aluno e cumprindo rigorosamente as finalidades do ensino prescritas no manual. Quando surgem situações pontuais decorrentes de necessidades individuais, há sempre um plano previamente elaborado e preciso, que atende ao discente sem alterar o programa curricular.

Se, no entanto, houver alunos que tenham atingido doze anos de idade e ainda não tiverem começado a escrever, se poderá fazê-los escrever antes que aprendam a ler em latim, contanto que saibam ler bem e corretamente o francês e se presuma que não virão à escola por tempo suficiente para poderem aprender a escrever o quanto necessitam. O Irmão Diretor ou o Inspetor das escolas estará atento a isso. (LA SALLE, 2012a, p. 61)

A primeira parte do manual traz orientações sobre a finalização das atividades escolares do dia, listando um conjunto de procedimentos e orientações para o cuidado dos alunos consigo mesmos, enfatizando condutas de civilidade: as necessidades fisiológicas devem ser aliviadas somente em lugares próprios, nunca nas ruas; é preciso respeitar o patrimônio público e privado; o espaço coletivo deve ser igualmente respeitado – “não atirem pedras, não corram e não gritem e nem incomodem a ninguém” (LA SALLE, 2012a, p. 124).

Os mestres exortarão, depois, os alunos e procurarão comprometê-los a rezarem o terço no caminho, cada um com seu companheiro, até terem chegado a sua casa. Essa prática os manterá recatados durante todo o caminho e será, sem dúvida, de edificação muito grande. (LA SALLE, 2012a, p. 123)

Todos os alunos devem sair da escola ou da igreja em duplas, seguindo diretamente para suas casas. Considerando que os mestres não poderão monitorá-los durante o trajeto, alguns estudantes recebiam a incumbência de, discretamente, confirmar se os colegas atendiam aos conselhos de disciplina, ordem e silêncio.

## **A ORDEM NO DIA A DIA E NA ADMINISTRAÇÃO DAS ESCOLAS**

A segunda e a terceira partes do “Guia das escolas cristãs” (LA SALLE, 2012a) seguem também os pressupostos do prefácio, pormenorizando as normas para a manutenção da ordem no dia a dia da escola e oferecendo prescrições para a gestão das instituições de ensino. La Salle explica que um dos componentes centrais da vida escolar é o silêncio, cuja observância deve ser sustentada, em primeiro lugar, pelo exemplo do mestre.

De pouco serviria o mestre esforçar-se por fazer os alunos guardarem o silêncio, se ele mesmo não o observasse. Por isso, lhes ensinará melhor essa prática com o exemplo do que através de palavras. E seu silêncio, mais do que qualquer outro meio, produzirá ordem grande na escola e lhes possibilitar vigiar facilmente sobre si e sobre os alunos. (LA SALLE, 2012a, p. 133)

Nos afazeres cotidianos, nada se faz sem previsão e tudo acontece sob o comando de virtudes e de instrumentos especialmente desenhados para os fins almejados. As ocorrências são registradas em catálogos e prontuários, cada qual seguindo um padrão oficial minuciosamente prescrito. Um livro anual contém a ficha de cada estudante, na qual se encontram nome e sobrenome, idade, se lhe foi ministrada a primeira comunhão, o endereço de domicílio e paróquia, e as lições, que são listadas na ordem que foram ministradas, com atenção especial para o progresso de uma a outra etc.

Um catálogo registra os atrasos e ausências de cada aluno, e outro acolhe anotações sobre boas e más condutas, referindo-se, inclusive, à vida doméstica:

[...] quanto tempo faz que vem à escola, a lição e a ordem de lição em que está, seu caráter, [...] Se tem boa vontade ou se é incorrigível; [...] se tira proveito do ensino; [...] se não é mimado pelos pais; se estes não gostam que seja corrigido e se, às vezes, não se queixam disso; se foi oficial e em que ofício, e como o desempenhou. (LA SALLE, 2012a, p. 148)

A manutenção da ordem inclui um sistema de gratificações, envolvendo manifestações de piedade, dedicação aos estudos e assiduidade, na expectativa de dar incentivo aos bem-sucedidos e estimular os demais. As salas de aula são adornadas com quadros contendo sinalizações de advertência: “1. É preciso não faltar à escola, nem chegar atrasado sem autorização; 2. É preciso aplicar-se na escola a estudar a lição; 3. É preciso escrever sem interrupção, e sem perder tempo; 4. É preciso escutar atentamente o catecismo; 5. É preciso rezar com piedade na igreja e na escola” (LA SALLE, 2012a, p. 139).

O controle da conduta dos alunos exigia habilidades ímpares dos mestres, cuja atuação se movia no interior de uma linha tênue: a correção dos comportamentos deve ser cuidadosa “para que seja feita adequadamente e para que resulte proveitosa, tanto para aqueles a quem é aplicada como para os que a presenciam”, mas é preciso “aliar brandura com firmeza” durante as ações corretivas (LA SALLE, 2012a, p. 155). O exagero, tanto em uma quanto em outra, deve ser evitado: não se deve “ser demasiadamente duro, nem condescendente demais”; ser “firme para atingir o objetivo e suave no modo de alcançá-lo, e manifestar muita caridade, acompanhada de zelo” (LA SALLE, 2012a, p. 157-158).

La Salle (2012a, p. 162) adverte que, “se quiser que numa escola haja disciplina e ordem, é necessário que os castigos sejam raros”, e que a sua intenção seja a de inspirar religiosidade, moralidade e ética. “Não se deve nunca fazer uma correção que possa ser prejudicial a quem aplicá-la, pois isso seria agir diretamente contra a finalidade das correções, estabelecidas unicamente para fazer o bem” (LA SALLE, 2012a, p. 166). Segundo La Salle (2012a, p. 168-



169), nunca se deve “aplicar nenhuma correção ao primeiro impulso ou quando se sentir alterado [...]. Só isso seria suficiente para impedir o fruto esperado e pôr obstáculo à benção que Deus lhes daria” .

A manutenção da ordem por intermédio de punições devia levar em conta as características de cada aluno. Para os que não exibem respeito nas atividades eclesiais, o manual recomenda que se avalie a sua maturidade, pois o objetivo da escola consiste em “impedir que o aluno seja dissipado da igreja” (LA SALLE, 2012a, p. 172). Deve-se analisar o contexto de vida e as necessidades de cada um, para ver se o comportamento não deriva de abandono familiar. Quanto aos arrogantes e atrevidos, cabe averiguar se são aptos a realizar funções na escola: “será proveitoso adverti-los e repreendê-los delicadamente em particular [...], mas sempre com seriedade” (LA SALLE, 2012a, p. 173). Os teimosos têm que ser corrigidos sempre, pois são os que não concordam com a punição, cabendo ao mestre convencê-los para evitar que sirvam de exemplo a outros. No caso de crianças mimadas, aconselha-se conversar com a família; no caso de novatos, cuidar para que não se afastem da escola por causa da correção.

A evasão escolar era motivo de preocupação para La Salle por representar forte quebra na ordem estabelecida. Por esse motivo, o “Guia” lista as possíveis causas desse fenômeno, com destaque para os problemas econômicos enfrentados pelas famílias e a desvalorização do ensino pelos pais. Para enfrentar o problema, certas medidas são indicadas, tais como “conceder licença a certos alunos para faltarem à escola, [...] por exemplo, para trabalhar nos dias de feira” (LA SALLE, 2012a, p. 190). Mas é obrigatório que o estudante compareça ao catecismo aos domingos e festas, podendo ser dispensado das atividades para comemorações paroquiais e festas do padroeiro.

A escola devia ser prioridade absoluta, mas essa norma nem sempre era observada pelos pais, que se descuidavam de enviar os filhos à escola,

[...] muito pouco se importando que a frequentem e sejam assíduos – o que é bastante comum entre os pobres – ou por serem indiferentes e frios com relação à escola, persuadidos de que os filhos nela não aprendem nada ou muito pouco, ou porque os fazem trabalhar. (LA SALLE, 2012a, p. 196)

Para mudar a atitude das famílias pobres que usufruíam de auxílio financeiro da igreja e de pessoas caridosas da comunidade, o “Guia” sugere uma medida extrema de persuasão: “não lhes dar nem lhes facilitar nenhum tipo de esmola enquanto não enviarem seus filhos à escola” (LA SALLE, 2012a, p. 196). Quanto às famílias que não necessitavam desse recurso para sobreviver, as medidas indicadas eram outras, não tão extremas:

Quando os pais retiram os filhos muito pequenos da escola ou quando não estão ainda suficientemente instruídos, para fazê-los trabalhar, é preciso [fazer]-lhes compreender que os prejudicarão muito, e que, para lhes fazer ganhar pouca coisa, privam-nos de vantagem bem mais considerável. Para isso, é preciso fazer-lhes ver o importante que é, para um artesão, saber ler e escrever, pois, por pouco inteligente que seja, sabendo ler e escrever, é capaz de tudo. É preciso persuadir os pais a enviarem os filhos, ou uma hora tanto de manhã, como de tarde, ou a tarde inteira. Há também necessidade cuidar, de maneira especial, desse tipo de alunos e lhes dedicar atenção. (LA SALLE, 2012a, p. 197)

Além da persuasão dos pais, contava-se com a possibilidade de o estudante assumir certas funções, como recitação de orações, porta-aspersório, porta-terço, distribuição e coleta de livros, varredura das salas, porteiro e chaveiro. Os alunos podiam, ainda, atuar no registro dos ausentes, sendo escolhidos para essa tarefa os mais assíduos, os mais “atitados, bem-educados e bem-comportados; não sujeitos à mentira, nem passíveis de serem corrompidos; que tenham grande respeito ao mestre, e total submissão e docilidade de espírito” (LA SALLE, 2012a, p. 228).

Quanto à gestão das escolas, La Salle (2012a, p. 243) considerava necessário que os dirigentes cuidassem para que “as regras e as práticas da escola [fossem] observadas exatamente sem mudança, nem alteração nenhuma”. Ficavam encarregados dessa tarefa o Diretor e seus auxiliares diretos, os Inspetores, os únicos autorizados a quebrar a regra do silêncio, que desempenharão seu ofício “não segundo sua escolha, mas conforme a necessidade que houver de sua presença [...] conforme o que lhe tiver indicado

o Superior do Instituto”. Cabe a eles zelar pelo cumprimento de todas as diretrizes operacionais voltadas à eficiência do ensino: conferir se aulas iniciam no horário e se transcorrem no tempo estabelecido; se as lições são ministradas segundo o proposto; e se os mestres desempenham bem as suas funções pedagógicas, o que incluía acompanhar de perto todos os estudantes.

Assim como eram controlados os alunos e todos os pormenores do ambiente escolar, controlava-se também a conduta dos próprios gestores:

Que não se familiarizem ou façam amizade [...]; que ninguém os venha visitar na escola e que não se fale com ninguém, a não ser com os pais dos alunos, [...] que não se deixem levar à impaciência ao repreenderem ou corrigirem os alunos; que as correções com varas sejam raras; que as com palmatória não sejam demasiado frequentes; e que ambas não ultrapassem o prescrito pela Regra. (LA SALLE, 2012a, p. 248)

La Salle (2012a, p. 251) esperava que os gestores exercessem as suas funções com prudência e zelo, para que os mestres os observassem e fossem por eles observados, esmerando-se todos em prol da “boa ordem em suas escolas”. O cumprimento dessas diretrizes faz do “Guia” um instrumento a serviço de uma pedagogia baseada em “verdades práticas”, capaz de realizar uma educação social voltada ao “bem viver” – expressões mencionadas em outras passagens da obra completa de La Salle (2012b).

Cabia também aos gestores relacionar-se com as famílias, orientando os pais acerca do regimento escolar e, ao mesmo tempo, conhecer as suas aspirações, as razões de seu interesse pela escola e saber se receberam os sacramentos. “Se for menino maior, que projeto os pais têm sobre ele; se querem fazer-lhe aprender uma profissão e em quanto tempo” (LA SALLE, 2012a, p. 253). Se for um estudante com histórico de mudança frequente de escola, será preciso mostrar aos pais que essa conduta “prejudica muito as crianças; que devem decidir-se a não mais transferi-las e que, se no futuro, deixarem a escola, não serão mais aceitas” (LA SALLE, 2012a, p. 256).

Os dirigentes deviam deixar bem claras as regras de funcionamento da instituição, tais como: a entrada ocorre às 7h30 e às 13h; o aluno precisa gozar de boa saúde para a confirmação da matrícula; os materiais escolares devem

ser subsidiados por aqueles que possuem boas condições financeiras etc. São igualmente abordados os comportamentos mencionados no manual de urbanidade, que integra o “Guia”: os alunos deverão trajar roupas asseadas e em bom estado; os pais devem eliminar piolhos e outros parasitas; em casa, devem impedir que a criança “se deite com o pai ou a mãe, nem com alguma de suas irmãs, nem com pessoa do outro sexo” (LA SALLE, 2012a, p. 254).

Orienta-se, ainda, que a família sempre busque a escola, quando julgar necessário, sem dar atenção exagerada aos relatos dos filhos:

Que os pais não deem ouvidos às queixas que os filhos lhes possam fazer, seja contra o mestre, seja contra o proceder deste, mas que, ao lhes fazerem queixa de alguma coisa, eles façam o obséquio de vir falar com o mestre, sem que os filhos estejam presentes, e ele procurará fazer com que fiquem satisfeitos. (LA SALLE, 2012a, p. 254)

Dentre as explicações que os dirigentes deviam dar às famílias, destacam-se as relativas ao método de ensino e às regras de convivência na instituição, para que os pais acatem as diretrizes ou, se preferirem, que mantenham os filhos por um período de experiência, tempo suficiente para fazer despontar uma leitura perfeita e muito superior à “leitura mecânica” (LA SALLE, 2012a, p. 257).

Uma vez confirmada a matrícula, cabia ao Inspetor tomar uma série de providências para posicionar o aluno no interior da escola, identificando a sala de aula mais adequada a cada um, em conformidade com a lição que lhe seja mais apropriada, e zelando especialmente pelas condições sanitárias e observando as características de comportamento da turma. O inspetor

[...] cuidará que os alunos sejam [localizados] com ordem e prudência, de maneira que aqueles que, por negligência dos pais, têm parasitas, estejam separados dos que são asseados e que não os têm; que um aluno irrequieto e avoado esteja entre dois bem-comportados e tranquilos; um pouco piedoso, ou só ou entre dois de cuja piedade se esteja seguro; um tagarela, entre dois silenciosos e muito atentos, e assim por diante (LA SALLE, 2012a, p. 259).

Cabe também ao Inspetor organizar a distribuição dos estudantes no interior da sala de aula, que comportava entre 50 e 60 crianças, cuidando para colocar cada um na proximidade de colegas que o pudessem auxiliar no aprendizado das lições. Além disso, o Inspetor deve fiscalizar o andamento das lições e ficar responsável pelas promoções dos alunos, parte sumamente importante do processo educativo e que requer a ação conjunta de mestres e gestores.

Para isso, a promoção de lição se fará segundo normas e de forma ordenada. Para garanti-lo: 1. cada mestre prepara seus alunos, conforme se indica na primeira parte; 2. O Inspetor fará as promoções, tomando algumas precauções para fazê-las bem; 3. Estará atento para que os alunos tenham os requisitos e aptidões necessárias para serem promovidos; 4. As promoções serão feitas em tempo e modo determinados. (LA SALLE, 2012a, p. 269-270)

A avaliação da aprendizagem não era feita aleatoriamente, pois o manual estabelece um amplo conjunto de critérios que levam em conta a expectativa do aluno e os interesses de sua família, tal como identificado na entrevista de admissão. Quando se constata que a promoção é inviável, o dirigente deve ordenar que o mestre trabalhe por mais tempo com a criança, a estimulando para evitar o aumento dos índices de evasão. Quando se verifica que determinado estudante apresenta desempenho superior, o mestre é orientado a exibi-lo como inspiração para a turma. A avaliação dos conhecimentos obtidos é considerada juntamente com outros quesitos, como dedicação, responsabilidade, assiduidade e participação nas atividades educacionais. Por fim, o Inspetor deve classificar o aluno em relação ao desempenho geral, organizando a premiação dos mais capacitados.

Essa mesma parte do manual enfrenta o problema da falta de docentes qualificados. O conjunto de regramentos e controles firmado no texto parece não ser suficiente para isso, fazendo-se necessário ordenar o trabalho no dia a dia das escolas, mediante a explicitação de dois propósitos básicos: “eliminar nos novos mestres o que eles têm e que não devem ter” e “fazer-lhes adquirir o que lhes falta e que lhes é muito necessário ter” (LA SALLE, 2012a, p. 291).

As características a serem suprimidas nos aspirantes à docência incluem os seguintes traços: o falar, a agitação, a leviandade, a precipitação, a severidade, a impaciência, a aversão, a acepção, a lentidão, a negligência, a frouxidão, o desânimo, a familiaridade, as preferências ou amizades particulares, o espírito de inconstância e o exterior desconcentrado (LA SALLE, 2012a, p. 291-292). As capacidades e aptidões a serem incentivadas são: a coragem, a autoridade e a firmeza, a circunspeção, a vigilância, a atenção sobre si mesmo, a compostura, a prudência, o aspecto animador e atraente, o zelo e a “facilidade para falar, expressar-se com clareza, ordem ao nível dos meninos aos quais se ensina” (LA SALLE, 2012a, p. 302).

O “Guia” atribui essa difícil incumbência a um “irmão-formador”, responsável por conhecer e acompanhar cada professor intimamente, trabalhando para orientar, advertir, alertar nas falhas em sala de aula e, se preciso, aplicar penitências para “eliminar e desarraigam todos os defeitos em um novo mestre”. O silêncio é uma norma estudada e praticada desde o princípio, razão pela qual são prescritos procedimentos para que todos se habituem “a não falarem [...] durante algum tempo, [...] durante um quarto de hora, depois por meia hora” (LA SALLE, 2012a, p. 292).

O futuro mestre precisa manter a serenidade e a benevolência, deve mostrar resignação e tranquilidade, portando-se como um verdadeiro ministro de Deus e pautando sua conduta pelas diretrizes da Congregação, de modo a servir de modelo para os alunos. São traços psicológicos de tessitura fina, pois não é permitido que sejam lenientes, nem excessivamente rigorosos. Exige-se que “nunca imponham correção nenhuma, senão após alguns momentos de reflexão e depois de haverem entrado em si mesmos, e elevado o coração a Deus” (LA SALLE, 2012a, p. 296). O jovem mestre deve entender que não são atitudes duras e severas que “implantam a boa ordem na escola, mas, sim, a vigilância contínua mesclada com prudência e bondade” (LA SALLE, 2012a, p. 295).

A fina tessitura psicológica a ser desenvolvida nos aspirantes a mestre envolvia o equilíbrio nas atitudes, para que não sejam alvo de menosprezo, pois, quando isso acontece, “todo o seu ensino e instruções perdem o seu poder de influência” (LA SALLE, 2012a, p. 298). É preciso que saibam “recompensar os

alunos quando procedem bem e, em geral, não deixar nenhuma falta sem correção” (LA SALLE, 2012a, p. 305). Nunca devem exhibir “mais afeto e maior benevolência a uns do que a outros, mas que a todos as manifestem com igualdade” (LA SALLE, 2012a, p. 300).

A formação didática também era uma preocupação, para que a ordem dos trabalhos fosse mantida:

Durante o tempo de sua formação e até estarem bem acostumados a, simultaneamente, fazer ler, acompanhar a leitura e vigiar os alunos, seria bom que lessem três ou quatro vezes a lição a ser lida pela manhã ou à tarde, para fazer-se dela uma ideia, o que os ajudará a não se perderem facilmente durante a leitura, ou para reencontrar-se mais prontamente, caso se perderem (LA SALLE, 2012a, p. 301).

Durante o treinamento, o jovem docente deve desenvolver as aulas como se não houvesse a presença do formador, assumindo a “plena autoridade que concerne ao seu dever”. Por fim, é orientado a consultar com frequência os prontuários de sua turma: “É necessário estudar muito o temperamento, os hábitos e as inclinações dos meninos para poder lidar com eles da maneira adequada” (LA SALLE, 2012a, p. 305). A religiosidade, os ritos sagrados, as formas de conduzir as reflexões diárias e o catecismo são temas também enfatizados durante a formação dos novos mestres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar neste artigo, o “Guia das escolas cristãs” (LA SALLE, 2012a) consiste em um amplo e bem articulado conjunto de regras para ordenar os procedimentos de ensino e a gestão das escolas segundo um caminho previamente traçado, de tal modo que tudo seja passível de controle externo. A exemplo da *Didática magna* de Comênio (1985), La Salle elaborou seu manual em perfeita sintonia com a metáfora *percurso determinado e determinável*. A diferença entre as duas obras reside no fato de o texto lassaliano não conter reflexões destinadas a explicitar as finalidades prescritas pelo autor para a educação e, mais ainda, por não argumentar em sua defesa.

Pode-se explicar essa característica dogmática do “Guia” pela vinculação do texto aos desígnios de Deus, conforme enuncia La Salle no prefácio à obra, mas esta explicação soa insuficiente se confrontada com as teorizações de outro célebre pensador cristão, Agostinho (354-430). Como analisam Jalles e Cunha (2018), embora o Bispo de Hipona credite a Deus a responsabilidade última pela educação, suas reflexões pedagógicas contêm forte teor argumentativo acerca de temáticas que remetem a finalidades educacionais. A crença na infinita sabedoria divina, portanto, não é o que leva La Salle a considerar desnecessário argumentar em favor de suas concepções educacionais, limitando-se a ditar regras para a normalização do espaço escolar.

La Salle se situa entre dois pensadores que formularam ideias em perfeita sintonia a metáfora *percurso indeterminado*, Montaigne (1533-1592) e Rousseau (1712-1778), cujas orientações diferem substancialmente do que se encontra no “Guia” por confiarem na capacidade de deliberação do aprendiz (CARNIEL; CUNHA, 2022; SBRANA; CUNHA, 2019). Como deixa claro no referido prefácio, La Salle segue outra tendência, pois concebe a natureza humana como errante, inconstante, incapaz de atingir metas de eficiência sem o direcionamento de ordens superiores. Quando se vê o ser humano por esse prisma, não se pode conceder liberdade para os indivíduos escolherem seus próprios caminhos, e a educação, conseqüentemente, precisa assumir a forma de um *percurso determinado e determinável*.

Esta reflexão permite situar La Salle na atualidade, momento em que, segundo Biesta (2012), as tendências educacionais dominantes assumem uma abordagem comum pautada na busca por resultados incontestáveis, visando à eficiência total. Essa busca assume a forma de “tabelas classificatórias ou *rankings* que se supõe indicar quem é melhor e quem é o melhor”, fornecendo “informações sobre como os sistemas de educação nacionais funcionam em comparação com outros países”, o que acaba por instituir um cenário de forte competição, até mesmo entre os entes federativos de um mesmo território (BIESTA, 2012, p. 811). As conclusões desses empreendimentos classificatórios fornecem as bases para que os governos elaborem políticas educacionais, visando elevar os padrões do ensino em seus vários níveis.



Biesta (2012) menciona três estudos representativos desse movimento em âmbito internacional: Trends in International Mathematics and Science Study, TIMSS; Progress in International Mathematics and Science Studies, PIRLS; e Programme for International Student Assessment, PISA. No Brasil, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, SAEB, e o Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM, são instrumentos com características semelhantes. O que integra todas essas iniciativas é a tese de que “a educação deve ser transformada numa profissão baseada em evidências”, o que exige a “mensuração cuidadosa da correlação entre *input* e *output*”, de tal modo que o campo educacional se assemelhe, cada vez mais, a uma tecnologia, em atendimento às exigências do mercado (BIESTA, 2012, p. 811). Esse modo de pensar requer a moldagem do espaço escolar, o *input*, para obter resultados quantificáveis, o *output*, excluindo a discussão dos valores envolvidos no processo educativo.

É precisamente nesse aspecto que se revela a atualidade de La Salle, cujo manual não discute os fins da educação, nem mesmo os que se associam a seu propósito cristianizador. Mas esses fins, que são concernentes à formação do homem para atuar no espaço público, estão implícitos em seu minucioso conjunto de regras voltadas à normalização da escola e do trabalho docente, significando que a eficácia depende da eficiência: se tudo for feito segundo o padrão estabelecido, os resultados pretendidos serão obtidos sem questionamento; o *output*, que é o aluno bem educado, resultará indubitavelmente do *input*, que é a escola bem organizada.

Cunha (2015) analisa que a mentalidade quantitativista é incapaz de lidar com certos componentes da situação educacional que, por pertencerem ao espaço da subjetividade, não se submetem à quantificação. Ocorre que são esses os componentes que realmente interessam discutir quando o que está em causa são as finalidades educacionais. Ao deixar que o processo educativo seja norteador por essa mentalidade, afastando o debate sobre os fins e impedindo que seres humanos decidam sobre o que fazer, diz Biesta (2010, p. 823), “corremos o risco de as estatísticas e os *rankings* tomarem essas decisões por nós”. La Salle expõe a educação a esse risco; na verdade, é precisamente

esta a sua intenção ao impor um *percurso determinado e determinável* a todos os envolvidos na docência e na gestão da escola: quem deve deliberar são as ordenações contidas no manual, não as pessoas.

Alguém poderá argumentar que, diante das características assumidas pela educação popular no último século, quando se verificou forte avanço da universalização do acesso à escola, ampliando significativamente a quantidade de pessoas sob a responsabilidade dos sistemas de ensino, não há alternativa senão adotar a mentalidade lassaliana. Esse raciocínio, por um lado, revela certa ingenuidade, pois não considera as motivações políticas contidas nas proposições mensuracionistas; por outro, evidencia a incapacidade de promover um debate teórico capaz de superar o dualismo entre a necessidade de educar a todos e a urgência em promover uma educação humanizadora.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e do Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Zahar, 1986.

AULETE, Caldas. **Novíssimo dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

BIESTA, Gert. Boa educação na era da mensuração. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 147, p. 808-825, set./dez. 2012.

BITTAR, Marisa. **História da educação**: da antiguidade à época contemporânea. São Carlos: UFSCar, 2009.

BOSCO, Teresio. **João Batista de La Salle**: a coragem de dar a vida. São Paulo: Dom Bosco, 2007.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

CARNIEL, Flávia Rocha; CUNHA, Marcus Vinicius. Infância, educação e linguagem em Michel de Montaigne. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 68, p. 42-54, 2022.

COMÉNIQ, João Amós. **Didáctica magna**: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. 3. ed. Tradução Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

CUNHA, Marcus Vinicius. Arte, experiência e educação: o que a mensuração não pode mensurar. In: MORALES, Juan Mario Ramos; CASTANEDA, José Antonio Serrano; REYES, Blanca Flor Trujillo. (Orgs.). **Deliberar con John Dewey**: ciencias sociales e educación. México: Universidad Pedagógica Nacional, 2015. p. 161-180

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

HENGEMÜLE, Edgard. **La Salle, uma leitura de leituras**: o padroeiro dos professores na história da educação. Canoas: Centro Universitário La Salle, 2000.

HENGEMÜLE, Edgard. **Educação Lassaliana**: que educação? Canoas: Salles, 2007.

JALLES, Aglaia Ruffino; CUNHA, Marcus Vinicius. A sofística no discurso educacional de Agostinho de Hipona. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, v. 8, n. 2, p. 18-37, 2018.

JUSTO, Henrique. **La Salle, patrono do magistério**: vida, escritos, inovações pedagógicas. 5. ed. Canoas: Salles, 2003.

KIRCH, José Odillo. **Lassalista, um belo sonho de Deus**. 3. ed. Porto Alegre: Província Lassalista, 2018.

LA SALLE, João Batista. Guia das escolas cristãs. In: LA SALLE, João Batista. **Obras completas de São João Batista de La Salle**. v. 3. Tradução de Edgard Hengemüle. Canoas: Unilasalle, 2012a. p. 19-317.

LA SALLE, João Batista. **Obras completas de São João Batista de La Salle**. Tradução de Edgard Hengemüle. Canoas: Unilasalle, 2012b. 6 v.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1963.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. 13. ed. Tradução de Gaetano Lo Monaco. São Paulo: Cortez, 2010.

MAZZOTTI, Tarso. A metáfora percurso no debate sobre políticas educacionais no Brasil contemporâneo. In: VALE, José Misael et al. (Org.). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 124-132.

MAZZOTTI, Tarso. **Doutrinas pedagógicas, máquinas produtoras de litígios**. Marília: Poësis, 2008.

MCBRIEN, Richard Peter. **Os Papas: os pontífices de São Pedro a João Paulo II**. Tradução Barbara Theoto Lambert. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

NICODEM, Edgar Genuino. **Itinerário evangélico de La Salle**. Jornadas Formativas Lassalistas. YouTube, 18 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B8sZsmIDXJE> > Acesso em 07 dez. 2020.

NOTAS HISTÓRICAS. In: JAQUOT, Jean. **Caminhando juntos: a vida de La Salle através do olhar de Jean Jacquot**. Tradução Hugo Bruno Mombach. Roma: AucaDigital, 2018.

NUNES, Ruy Afonso Costa. **História da educação no século XVII**. São Paulo: Edusp, 1981.

POUTET, Yves; PUNGIER, Jean. **La Salle e os desafios de seu tempo**. Tradução Henrique Justo. Canoas: La Salle, 2001.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: ÁRIES, Philippe; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da vida privada**. v. 3. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 169-210.

SBRANA, Roberta Aline; CUNHA, Marcus Vinicius. A pedagogia retórica em Jean-Jacques Rousseau e John Dewey. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 41-55, maio/ago. 2019.

VALLADOLID, José Maria. Introdução. In: LA SALLE, João Batista. **Obras completas de São João Batista de La Salle**. v. 1. Tradução Edgard Hengemüle. Canoas: Unilasalle, 2012. 6. v.

VALLADOLID, José Maria. **La Salle: un santo y su obra**. Temuco: Bruño, 2016.

*Recebido em: 06/10/2022.*

*Aprovado em: 15/11/2022.*